

RUA ANTONIO BENTO

Deliberação da Câmara de 31-08-1927

Edital de 12-09-1927

Formada pela rua 3 da Chácara Lulú de Pontes

Início na avenida Bueno de Miranda

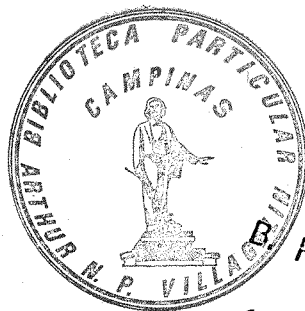
Término na rua Elias de Sousa

Vila Industrial

Obs.: Edital assinado pelo Vice Prefeito Municipal de Campinas, em Exercício, Celso da Silveira Rezende.

ANTONIO BENTO

Um dos paladinos da Abolição, o dr. Antonio Bento de Souza e Castro nasceu na cidade de São Paulo em 17-fevereiro-1843 e faleceu na mesma cidade em 03-novembro-1898. Era filho de Bento Joaquim de Souza e Castro e Henriqueta Viana de Souza e Castro. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 10-dezembro-1868. Pertenceu ao Partido Conservador e exerceu os cargos de Promotor Público em Botucatu e Limeira e o de Juiz Municipal de Atibáia, de onde teve de abandonar o cargo, por ficar incompatibilizado com parte dos habitantes. Dedicou-se ao jornalismo, havendo fundado na capital paulista "O Arado" em 1882 e "A Redenção" em 1887. Extremamente devotado à causa da liberdade dos escravos, seu nome fez-se célebre e glorioso em todo o país. Em fins de 1887, a tarefa da propaganda da Abolição pela palavra escrita estava concluída, mas a instituição maldita não desaparecia. Lembrou-se, então, Antonio Bento, do juramento que fizera junto ao túmulo de Luiz Gama e, reunindo em sua casa numeroso grupo de amigos dedicados, delineou e organizou a propaganda pelo fato. Estava organizada a famosa Sociedade dos "Caifazes", cujos membros sob sua orientação, tiravam às ocultas os escravos das fazendas com o propósito de libertá-los. Iam de casa em casa e os pajens, as criadas e as cozinheiras desapareciam. Iam de fazenda em fazenda e os eitos se despovoavam. Todas as semanas partia do porto de Santos para o norte centenas e centenas de escravos fugitivos. Outros entrincheiravam-se no bairro do Jabaquara, em Santos, sob o império e guarda de Antonio Bento, que contava com a solidariedade de boa parte do exército. Tornou-se assim Antonio Bento um dos precursores mais em evidência do 13 de Maio. Surgiram logo na Província do Rio e de Minas imitadores deste invencível campeão da liberdade. Depois da Abolição e até sua morte, todos os anos, no dia 13 de maio, os pretos iam à frente de sua casa, na rua da Liberdade, em São Paulo, festejar com ruidosos e alegres sambas e batuques a imorredoura data da redenção da raça negra.



P. M. "Prof. F. M. Zink"
Campi.

Documentário de Campinas

ANTÔNIO BENTO — rua (Antônio Bento de Sousa e Castro)

Começa na Avenida Buco de Miranda e termina na rua Elias de Sousa, na Vila Industrial.
A denominação foi dada pelo Edital de 12 de setembro de 1927. Tem 15 metros de largura.

Dados Biográficos:

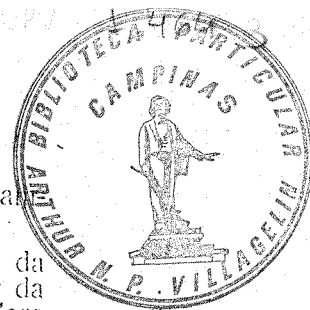
O dr. Antônio Bento de Sousa e Castro nasceu na cidade de S. Paulo em 17 de fevereiro de 1843, e faleceu na mesma cidade em 3 de novembro de 1898. Era filho do farmacêutico Bento Joaquim de Sousa e Castro e de dona Henriqueta Viana de Sousa e Castro.

Formou-se em direito pela Faculdade de Direito de S. Paulo em 1868. Foi promotor público nas cidades de Botucatu e Limeira, juiz municipal em Atibaia e advogado e jornalista na Capital do Estado, onde fundou e dirigiu "O Arado", em 1862 e "A Redenção" em 1867.

Foi abolicionista, tornando-se grande vulto nacional pelo trabalho desenvolvido em prosseguimento à obra redentora de Luís Gama. Seu sistema de libertação de escravos era dos mais práticos: por bem ou por mal. Dentro deste lema ele ia libertando grandes massas de escravos.

Foi o organizador e presidente da associação dos "Caifazes" com ramificações por todas as partes, a qual por sua ordem retirava os escravos dos lugares de trabalho e os remetia para Santos de onde eram enviados para lugares seguros e libertos. Tântos e tantos foram os escravos assim libertos, que segundo gente doutro-ra, mais meio século para a promulgação da lei de 13 de Maio e ela seria inútil, pois não encontraria escravos para libertar.

A.M.G.



Denominações de ruas

Dr. Celso da Silveira Rezende, Vice-Prefeito Municipal de Campinas, em exercício, etc.

Faço publico, pelo presente, que, em virtude de deliberação da Câmara, em sessão de 31 do mez findo, e de accordo com o art. 7.º da Lei n. 87, de 1902, as vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora avante assim denominadas:

AVENIDA JULIO MESQUITA, a parte larga da rua Augusto Cezar, comprehendida entre a rua Benjamin Constant e a Santa Cruz. (sob. n. 1, planta da Prefeitura); — RUA DR. GUILHERME DA SILVA, a rua que passa pelo canto do terreno do Bispado, chamada pelo vulgo de *Alieres Raymundo*. (sob n. 2, planta da Prefeitura); TRAVESSA IRMAOS BIERRENBACH, a rua que vae da rua Augusto Cezar á Praça 15 de Novembro. (sob n. 3, planta da Prefeitura); RUA PAULA BUENO, (Commendador Francisco de Paula Bueno) antiga estrada do Taquaral, do canal do Saneamento até o alto do Taquaral. (sob n. 5, planta da Prefeitura); RUA BARÃO GERALDO DE REZENDE, a rua denominada José Paulino, que foi bifurcada em duas, na parte que vae da bifurcação em diante, passando pela frente do Stadium do Guarany. A parte nova, continuação em linha recta da José Paulino, conservará este nome em toda a sua extensão. (sob n. 6, planta da Prefeitura); RUA DR. SILVEIRA LOPES, a rua que parte da rua Culto á Sciencia, em frente ao Gymnasio do Estado. (sob n. 7, planta da Prefeitura); RUA MARQUEZ DE TRES RIOS, a rua geralmente conhecida por travessa da Maternidade, que parte da rua Saldanha Marinho, no Botafogo. (sob n. 8, planta da Prefeitura); RUA DO CAFE, a 1.ª travessa da Avenida São Paulo, no Botafogo. (sob n. 9, planta da Prefeitura); RUA ANTONIO GUIMARÃES (O BAHIA), a 2.ª travessa da Avenida São Paulo, e paralela á precedente (sob o n. 10, planta da Prefeitura); — RUA DR. SALUSTIANO PENTEADO, a rua paralela á Avenida São Paulo, entre esta e os trilhos da Cia. Mogyana, vulgamente chamada rua *São José*. (sob n. 11, planta da Prefeitura); — RUA AMADOR FLORENCE, a 3.ª travessa da Avenida São Paulo, (sob n. 12, planta da Prefeitura); — RUA DR. CESARIO MOTTA, a 4.ª travessa da Avenida São Paulo, conhecida sob a denominação de rua *Via*. (sob n. 13, planta da Prefeitura); — RUA DR. RODRIGO OCTAVIO, a 5.ª travessa da Avenida São Paulo, paralela á precedente e conhecida pela denominação de rua *Jandyra*. (sob n. 14, planta da Prefeitura); — AVENIDA DR. WASHINGTON LUIS, a rua que parte da rua Mascarenhas, localizada entre as linhas das Companhias Paulista e Mogyana. (sob n. 15, planta da Prefeitura); — RUA LUIZ GAMA, a paralela á rua Germania, entre esta e os trilhos da Sorocabana (sob n. 16, planta da Prefeitura); — RUA DR. THEODORO LANGAARD, a 1.ª paralela á Germania. (sob n. 17, planta da Prefeitura); — RUA SANTAANNA GOMES, a 2.ª paralela á rua do Bomfim. (sob n. 18, planta da Prefeitura); — RUA DR. ARNALDO DE CARVALHO, a rua paralela á precedente. (sob n. 19, planta da Prefeitura); — RUA DR. ALBERTO SARMENTO, a 2.ª paralela á Germania. (sob n. 20, planta da Prefeitura); — RUA RAPHAEL SALLES, a 3.ª paralela á Germania e em seguida á precedente. (sob n. 21, planta da Prefeitura); — RUA JULIO RIBEIRO, a paralela á precedente. (sob n. 22, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM VILLAC, a que sahe da rua do Bomfim, em direcção ao Asylo de Invalidos, denominada *Estrada da Roseira*. (sob n. 23, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO BENTO, a rua na Villa Industrial, paralela á rua Bella Vista, e geralmente conhecida por *Antonio Bento*. (sob n. 24, planta da Prefeitura); RUA DR. CARLOS DE CAMPOS, a rua na Villa Industrial conhecida pelo nome *Bella Vista*. (sob n. 25, planta da Prefeitura); — RUA BENEDICTO OCTAVIO, a rua conhecida pelo nome de *Alberto Dias*, travessa da rua Salles de Oliveira, entre Pereira Lima e Alieres Raymundo. (sob n. 26, planta da Prefeitura); — RUA D. MARIA SOARES, a 1.ª travessa da Salles de Oliveira e paralela á Avenida João Jorge. (sob n. 27, planta da Prefeitura); — RUA ANTONIO SARMENTO, a 2.ª travessa paralela á precedente. (sob n. 28, planta da Prefeitura); — RUA OSCAR LEITE, a rua que parte da Estrada Paulista (Ponte Preta), paralela á rua Abolição, em continuação á rua Barão de Jaguará. (sob n. 29, planta da Prefeitura); — RUA JOAQUIM NOVAES, a rua que parte da rua Irmã Seraphina, fronteira á Marechal Deodoro. (sob n. 30, planta da Prefeitura); — RUA DR. CARLOS GUIMARÃES, a rua que sahe da rua Major Solon, partindo do canal do Saneamento. (sob n. 4, planta da Prefeitura); — RUA DR. SAMPAIO FERRAZ, a 1.ª rua paralela á rua dos Bandeirantes, tendo inicio na rua Ccl. Quirino. (sob n. 1, planta parcial da Prefeitura); — RUA DR. EMILIO RIBAS, a 2.ª travessa da rua precedente, a partir da rua Maria Monteiro. (sob n. 3, planta parcial da Prefeitura).

E para conhecimento de todos, mandei expedir o presente edital.

Eu, Amilar Alves, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 12 de Setembro de 1927.

Dr. Celso da Silveira Rezende

tempo de cama e os médicos o desenganaram. Depois, melhorou como não raro sucede aos doentes de sua idade, e, ultimamente, tanto se accentuaram as melhoras que os seus parentes e amigos julgaram adiado por alguns anos o desenlace fatal. Ontem, porém, logo após uma leve refeição, sobreveio bruscamente uma violenta hemoptise e o dr. Antônio Bento deixou de existir.

Não era um brasileiro ilustre. Estudou e formou-se na nossa Faculdade de Direito, seguiu logo depois de formado a carreira da magistratura, dedicou-se por véses ao jornalismo, mas, nem na Faculdade, nem na magistratura, nem no jornalismo conseguiu salientarse. Não revelou jamais dotes superiores de inteligência e o seu espírito era notavelmente inculto. Ao ouvi-lo falar (falava como um homem rude do sertão) para lêr o que êle publicava nos seus efêmeros jornais de combate (era deploravelmente incorreto e quase nunca subia além da agressão pessoal ao adversário), ninguém diria que êle era um homem que se tinha sentado durante cinco anos nos bancos de um estabelecimento superior de ensino.

Entretanto, o seu nome fez-se célebre e glorioso em todo Brasil e justamente célebre e justamente glorioso. O 13 de Maio é uma das maiores e mais brilhantes datas da nossa história. Antônio Bento foi, incontestavelmente, um dos maiores precursores do 13 de Maio porque ninguém contribuiu mais do que êle para a realização do ato solene e humanitário que nesse grande dia se comemora. Em fins de 1887, a tarefa da propaganda da abolição pela palavra escrita estava concluída. A eloquência indignada de Patrocínio despertava em toda a parte um côro unânime de aplausos. Os elevados discursos de Joaquim Nabuco circulavam sem opposição.

Mas, a instituição maldita não desaparecia, senão num ou noutro ponto do nosso vasto território. Em que ella devia de saparecer completamente todos estavam de acôrdo. Falava, apenas, o meio prático de completa eliminação, e, a bem dizer, faltava tudo, porque o carcereiro era uma lei cruel, mas era uma lei e os poderes públicos, receiosos da reação dos fazendeiros, hesitavam em suprimi-la, de um dia para outro.

Teve, então o seu papel o rude e inculto lutador que ontem à tarde succumbiu. A propaganda pela palavra estava

ANTONIO BENTO

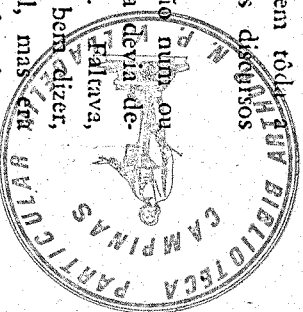
Tivemos mais a campanha da imprensa local, que era motivada pela "A Redenção", jornal que apparecia em oiro de janeiro desse mesmo ano, redatoriado por Antônio Bento. O destacado jornalista que era natural de São Paulo, cujo nome por inteiro era Antônio Bento de Souza Castro, ali nascera em 17 de fevereiro de 1843. Filho legítimo do farmacêutico Bento Joaquim de Souza e Castro e de d. Henriqueta Viana de Souza e Castro, em 1864 matriculou-se na Faculdade de Direito e em 10 de dezembro de 1868 recebeu o grau de bacharel em ciências sociais e jurídicas.

O dr. Antônio Bento pertencu ao antigo partido conservador e exerceu os cargos de Promotor público de Boncuatú e de Limeira e o de Juiz Municipal de Aribáia, donde teve necessidade de sair, abandonando o cargo, por ficar incompatibilizado com parte dos habitantes.

Extremamente devotado à causa da liberdade dos escravos, tornára-se um dos paladinos da abolição, tendo organizado na Capital a famosa sociedade dos "caifases", cujos membros sob sua orientação, conforme escrevemos, tiravam às ocultas escravos das fazendas, com o fim de libertá-los. Tornou-se, assim, Antônio Bento, um dos precursores mais em evidência do 13 de Maio, falecendo êle em São Paulo, em 8 de novembro de 1898, depois de alguns anos de victoriosa campanha, digna por todos os títulos dos maiores encômios. Respeito ao seu falecimento o "O Estado de S. Paulo", do dia seguinte ao de sua morte publicava o seguinte:

"O dr. Antônio Bento de Souza e Castro, o popularissimo Antônio Bento das lutas pela abolição, faleceu, ontem, nesta Capital, às duas horas e meia da tarde, naquela conhecida casa da rua da Liberdade, em frente à qual, todos os anos, na noite de 13 de Maio, os prêtres da cidade iam festejar com ruidosos e alegres sambas e batuques a imorredoura data da redenção da raça negra.

Sofria de uma tuberculose pulmonar o valente batalhador. Há meses, numa crise da terrivel enfermidade, esteve muito



realizada. Ele lembrou-se um dia do juramento que fizera junto ao túmulo de Luiz Gama e, reunindo em sua casa um numeroso grupo de amigos dedicados, delineou e organizou a propaganda pelo fato. Quem não se recorda ainda hoje, das proezas dos "caifases"? Eles iam de casa em casa e os pais e as criadas e as cozinheiras desapareciam. Eles iam de fazenda em fazenda e os eitos se despojavam. Todas as semanas partiam do pôrto de Santos para o norte centenas de escravos fugitivos. Outros entricheiravam-se no Jabaguá (bairro do Município de Santos) e como que desafiavam os seus perseguidores que, aliás, só chegavam até à entrada desta Capital: Aqui, imperava Antônio Bento, que contava com a solidariedade do Exército e que era mais poderoso que a polícia".

Surgriram logo na Província do Rio e de Minas muitos imitadoras deste invencível campeão da liberdade; a escravidão morreu.

Quando a Princesa Imperial, por entre festas e aclamações delirantes, assinou o decreto que o Ministério de João Alfredo em três dias fez passar no Parlamento só era escravo no Brasil quem o queria ser.

Imagine-se, agora, a tenacidade que Antônio Bento teve de emprestar na luta em que se empenhou e os perigos que ele teve que afrontar antes de vencer e ver-se-á que não fomos exagerados quando dissemos que ele foi, justamente, célebre e glorioso.

Inúmeras foram as provas de pesar manifestadas por seus amigos e protegidos, quer durante a sua longa moléstia, quer por ocasião de falecimento e entêro. A idéia de ser erigido um monumento à sua memória foi apresentada e aceita, imediatamente constituída uma comissão popular que fez publicar um apêlo à população do Brasil, para "um monumento popular à memória de Antônio Bento, representando a abolição da escravidão".

E, sendo uma homenagem popular, ninguém deveria concorrer para tal fim senão com a importância de DUZENTOS REIS (vinte centavos de hoje). Nem assim, porém, parece, vingou a idéia apesar da minúscula contribuição para aquêle desideratum! E a comissão que era integrada pelos srs. dr. Domingos Jaguaribe, presidente; Hipólito da Silva, secretário; Cônego João Evangelista Braga, Bento Soares de Queiroz, Cônego Antônio Guimarães Barrozo parece que nada apurou nesse seu desejo ardente de prestar essa merecida homenagem à memória daquele paulista.

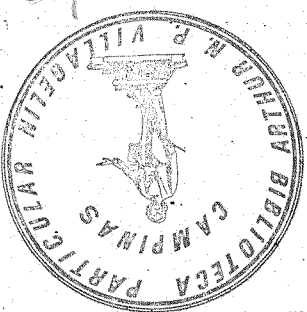
Alguém contraiu essa dívida de honra para com Antônio Bento de Souza e Castro. São Paulo não poderia pagá-la?

* * *

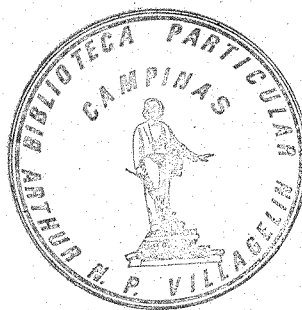
Campanha da imprensa local, campanhas pessoais às vezes até com sacrifícios físicos sucediam-se continuamente. Assim aconteceu com Antônio dos Santos Cruz (maio, 1887), quando passando à noite pela rua do Regente Feijó foi agredido por três indivíduos desconhecidos, a cachete que era como mandava o "figurino" daquela época, o que o obrigou a refugiar-se na alfaiataria de Sprague & Irmão, no centro da cidade.

Diante de tantas e insolentes ocorrências, só caberia aos lavradores campineiros opinar pelo livramento condicional de todos escravos inscritos na Coletoria local para suas propriedades agrícolas, ou optarem por outro meio qualquer que, pondo a salvo a liberdade dos seus auxiliares negros pudessem, em prazo mínimo, colocá-los fora da tutela de seus patrões. Com esse intuito, quando se sabia que seria inevitável o estabelecimento geral da abolição, embora isso viesse ferir os interesses vitais e imediatos da economia nacional que repousava nos braços da lavoura, foi que, em 18 de agosto desse ano, reunia-se a maioria dos lavradores do Município, para marcar o prazo para eliminação total do servilismo dos negros cativos.

Esta é uma cópia xerográfica das páginas 153 a 156 da obra "História da Cidade de Campinas", de autoria do historiador campineiro Joluna Brito, pseudônimo de João Batista de Sá, Volume 11 da Editora Saraiva, 1960)



RUA ANTONIO BENTO



ANTONIO BENTO

Antonio Bento de Souza e Castro, um dos principais líderes do movimento abolicionista em São Paulo, nasceu na capital da província em 17 de fevereiro de 1843. Em fins de 1887, a tarefa da propaganda da abolição pela palavra escrita e falada estava concluída. A eloquência indignada de Patrocínio desperpertava em toda a parte um coro unânime de aplausos. Os elevados discursos e artigos de Joaquim Nabuco circulavam sem oposição. Teve então o seu papel o rude e inculto lutador que ontem é tarde sucumbiu. A propaganda pela palavra estava realizada. Ele lembrou-se um dia do juramento que fizera junto ao túmulo de Luiz Gama e, reunindo em sua casa um numeroso grupo de amigos dedicados, delineou e organizou a propaganda pelo fato. Quem não se recorda ainda hoje das proezas dos caifazes? Eles iam de casa em casa e os pajens e as criadas e as cozinheiras desapareciam. Eles iam de fazenda em fazenda e os eitos se despovavam. Todas as semanas partia do porto de Santos para o norte centenas e centenas de escravos fugitivos. Outros entrincheiravam-se no Jabsquara (bairro de Santos) e como que desafiavam os seus perseguidores, que allás só chegavam até a entrada desta capital. Aqui imperava António Bento, que contava com a solidariedade do exército e que era mais poderoso do que a polícia! (O Estado de S. Paulo, 8 de novembro de 1898).